



**IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL: ASPECTOS
FOLKCOMUNICACIONAIS DA CULTURA CAIÇARA NO VALE DO RIBEIRA-SP**

GT1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação

Kawaguchi, Renata Castro Cardias , Universidade Metodista de São Paulo
(UMESP), Brasil, rcardias@gmail.com

Objetivos

Apresentar as inter-relações entre comunicação e cultura, no âmbito das comunidades tradicionais brasileiras, destacamos no presente estudo, aspectos comunicacionais de comunidades caiçaras específicas do Estado de São Paulo.

Caracterização do estudo

O trabalho consiste em reflexões à partir de pesquisa bibliográfica, em relação a configuração das identidades das comunidades caiçaras do Vale do Ribeira -SP no atual contexto contemporâneo.

Resumo

Este artigo consiste no resultado parcial de pesquisas realizadas pela autora sobre as inter-relações entre comunicação e cultura, tendo como objeto de estudo as comunidades tradicionais brasileiras, mais especificamente a população caiçara de Cananéia, Iguape e Ilha Comprida cidades localizadas no litoral sul do Estado de São Paulo, pertencentes ao Vale do Ribeira. Por intermédio de pesquisa

bibliográfica de autores que contemplam os temas, apresenta-se brevemente as contribuições de alguns pesquisadores dos Estudos Culturais e do Pensamento Latino-americano em relação a permanência das “culturas tradicionais” na contemporaneidade. Cita-se as características territoriais e identitárias da cultura caiçara. Ressalta-se a organização dos processos folkcomunicacionais presentes no fandango caiçara, uma expressão cultural comum nas comunidades da região estudada. Considera-se as temáticas: cultura, contemporaneidade, folkcomunicação, globalização, hegemonia, hibridismo, identidade por intermédio da revisão bibliográfica de autores que contemplam os temas.

Palavras-Chave: Cultura caiçara; Folkcomunicação; Globalização; Hibridismo; Identidade.

Introdução

O presente trabalho desenvolveu-se à partir de indagações sobre comunicação e cultura, ao nos referirmos em especial às comunidades caiçaras, mais precisamente aquelas que habitam o Vale do Ribeira no Estado de São Paulo: O que sabemos dessas comunidades? Como mantêm sua identidade e suas tradições? Como negociam e resistem a um contexto global midiático?

As comunidades “tradicionais” brasileiras, como são caracterizadas a princípio as populações caiçaras, foram e são marginalizadas política e economicamente, porém mesmo tendo pouca presença nas grandes mídias e em seus respectivos conteúdos, o artigo tem como proposta analisar como a folkcomunicação está inserida nos processos de interações sociais, presentes nas mais diversas expressões da cultura caiçara, principalmente no fandango, manifestação comum nas comunidades da região do Vale do Ribeira.

Não pretendemos esgotar o assunto, mas propor um debate envolvendo comunicação e cultura a partir das contribuições de autores dos estudos culturais e também do pensamento latino-americano.

Comunicação e cultura: as comunidades “tradicionais” na contemporaneidade

Nas últimas décadas, há um crescente interesse em pesquisas voltadas à compreensão da comunicação à partir de uma perspectiva dialógica com a cultura, esta entendida como um conjunto de todo ser e fazer humano em uma sociedade, em um determinado período.

Ao iniciarmos nossas reflexões acerca do tema proposto neste trabalho, é importante considerar a complexidade do conceito cultura, o que implica a nós pesquisadores e estudiosos associá-lo não apenas no singular, mas também no plural. A cultura é concebida e manifestada partir dos contextos sociais. Raymond Williams, um dos pesquisadores fundadores dos Estudos Culturais britânicos, contribuiu significadamente para o debate e ampliação da temática cultura opondo-se ao conceito elitista, considerando também sua vertente oriunda das camadas populares no livro *Marxismo e Literatura*. Cultura para Williams é (1979, p.23) “(...) um processo social fundamental que modela modos de vida específicos e distintos é a origem efetiva do sentido social comparativo de cultura e de seu plural, já agora necessário, de culturas”. O autor aponta a cultura como uma experiência ordinária, que designa os significados comuns a uma sociedade humana, abarcando seus modos de vida e suas produções intelectuais e artísticas, considerando também os meios de comunicação.

Concordando com William, Stuart Hall outro expoente do *Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham, na sua obra *Da diáspora: identidades e*

mediações culturais (2008) afirma que a cultura se entrelaça a todas as práticas sociais e essas práticas se referem às experiências adquiridas, suas inter-relações e condições históricas.

As interações sociais entre comunicação e cultura fazem parte da relação ser humano-sociedade, estabelecem representações simbólicas e visões de mundo. As diferentes manifestações culturais vão além de um modo de vida, refletem ações e reações entre grupos diversos, ou seja, ser e estar na sociedade implica estabelecer relações de alteridade, portanto, podemos dizer que essas dinâmicas culturais se caracterizam não só pelas trocas sociais entre sujeitos e grupos, mas também pela luta, confronto e tensões sociais.

No atual contexto global, não há como ignorar a forte relação entre o modelo econômico capitalista e a produção/consumo e perecibilidade de bens e serviços. A hegemonia, presente nos discursos e produtos midiáticos, é caracterizada pela capacidade de um grupo social unificar em torno de seu projeto político um bloco mais amplo não homogêneo, marcado por contradições de classe. O grupo ou classe que lidera este bloco é hegemônico e muitas vezes é organizado e estruturado com interesses unicamente mercadológicos e políticos e podem valorizar ou desprezar determinadas práticas culturais dos demais grupos em um jogo de relações de poder.

A “hegemonia” é um conceito que inclui imediatamente, e ultrapassa, dois poderosos conceitos: o de “cultura” como “todo um processo social”, no qual os homens definem e modelam todas as suas vidas, e o de “ideologia”, em qualquer de seus sentidos marxistas, no qual um sistema de significado de valores é a expressão ou projeção de um determinado interesse de classe (Williams, 1979, p.111).

Como podemos ver o conceito de cultura, também incorpora-se aos conceitos de hegemonia e ideologia, que segundo Williams, à partir das ideias de Gramsci, estão além da ação política. Para o autor a hegemonia se constitui a uma determinada moral, a uma concepção de mundo, assim como exige também um orquestramento de ações de ordem cultural que utiliza-se das diferentes mídias para estabelecer e incorporar mensagens simbólicas, produzindo vivência ideológica (onde significados e valores são produzidos) através de uma realidade prática.

Na contemporaneidade, verificamos que, após um processo intenso de globalização e padronização de usos e costumes, surgem movimentos contrários no sentido de configurar e valorizar as identidades locais, Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011), afirma que

(..) a) A globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compressão-espaco tempo. b) A globalização é um processo desigual e tem sua própria “geometria de poder”. c) A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compressão espaco-tempo (Hall, 2011 p. 80-81).

Conforme as ideias apresentadas por Hall, em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados

cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

Para o autor, a tradução, descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas de sua terra natal, retendo fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas negociam com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, portanto estão irrevogavelmente traduzidas.

Como vimos, as interações entre grupos diversos geraram processos híbridos, ocasionados de forma planejada ou como resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e do intercâmbio econômico e comunicacional. Nestor Garcia Canclini, estudioso eminente do pensamento latino-americano, em suas discussões sobre as identidades culturais na obra *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (2006), nos apresenta uma noção de hibridação como um conceito social, versátil para abarcar diversas misturas interculturais como a mestiçagem (entre raças) e o sincretismo (funções religiosas e de movimentos simbólicos tradicionais).

Canclini em seu artigo *Culturas Híbridas e estratégias comunicacionais*, publicado em 1997, esclarece que em alguns casos, a persistência de costumes e pensamentos antigos, podem ser resultados do acesso desigual dos bens da modernidade, ou ainda existirem porque são fecundas, ou seja, são felizes em

suas combinações onde cita como exemplo: a iconografia pré-colombiana e o geomestrismo contemporâneo, o popular e as indústrias comunicacionais; o diálogo entre o popular e o massivo.

O autor, enfatiza que os entrelaçamentos não ocorrem sem contradições e conflitos, ou seja, podemos dizer que as experiências de hibridação são parte dos conflitos da modernidade latino americana. A hibridação, segundo Canclini não é uma simples mescla de estruturas e práticas sociais discretas, puras, que existem em forma separada, ao combina-las geram novas estruturas e novas práticas, o que podemos denominar de reconversão cultural.

Para o autor latino-americano, a globalização é assimétrica, certas formas de hibridação e resistência presentes na América Latina, são resultados da injustiça social e da relação entre dominantes e dominados, como é o caso das comunidades e povos tradicionais brasileiros. O processo de integração e hibridismo também segrega,

La multiculturalidad Y sus diferencias se conforman ahora no sólo por la convivencia y el conflicto de tradiciones históricas diversas dentro de cada nación, sino debido a la estratificación engendrada por el desigual acceso de los países, y de los sectores internos de cada sociedade, a los médios avanzados de comunicación. La desigualdade entre nación centrales y periféricas, asi como entre los estratos económicos y educativos dentro de cada uma, engendran nuevas injusticias (Canclini, 1997, p.123).

Considerando a comunicação enquanto coabitação, o ser humano se utiliza de diferentes suportes, para interagir com o seu semelhante, elaborar espaços

simbólicos e de significações tanto em nível individual ou coletivo. O conjunto de tecnologias e técnicas potencializaram no decorrer da história da humanidade a circulação de culturas e identidades. Porém o acesso a essas tecnologias não aconteceram de forma igualitária, os meios de comunicação ainda não são acessíveis à toda população mundial, em nosso país é evidente a concentração da produção e transmissão das narrativas da realidade, através dos monopólios e oligopólios, que servem à grupos hegemônicos, reforçam preconceitos e ferem os direitos humanos. A globalização, a hegemonia e as mais diferentes formas de hibridação em nossa contemporaneidade, apresentam uma face perversa que limita e exclui, marginalizando grupos e/ou populações inteiras como acontece em nossa sociedade brasileira.

No Brasil, a configuração cultural que edifica nosso mosaico identitário é híbrida, desigual formada por ajustamentos e intensos embates entre diferentes povos nativos e outros que vieram para nosso território por motivos distintos e em diferentes circunstâncias. Dentre tantas identidades, destacamos as comunidades dos povos tradicionais. De acordo com o decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, da constituição federal os Povos e Comunidades Tradicionais são:

"Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.(...) entre eles estão Povos Indígenas, Quilombolas, Seringueiros, Castanheiros, Quebradeiras de coco-de-babaçu, Comunidades de Fundo de Pasto, Faxinalenses, Pescadores Artesanais,

Marisqueiras, Ribeirinhos, Varjeiros, Caiçaras, Praieiros, Sertanejos, Jangadeiros, Ciganos, Açorianos, Campeiros, Varzanteiros, Pantaneiros, Geraizeiros, Veredeiros, Caatingueiros, Retireiros do Araguaia, entre outros” (PNPCT, 2007).

De acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos povos e comunidades tradicionais (2007), essas populações ocupam regiões específicas do território brasileiro, em razão de processos históricos diferenciados, desenvolveram modos de vida próprios e distintos, ocasionando na prática ,ao mesmo tempo riqueza sociocultural e invisibilidade perante a sociedade e as políticas públicas de modo geral, o que é contraditório, pois o reconhecimento desses povos e comunidades está presente, pelo menos no discurso da constituição federal.

É importante salientar que as diferentes manifestações culturais pautadas na tradição não sejam imutáveis e ou estagnadas. A tradição que está inerente ao conceito de cultura pode no decorrer de sua trajetória adaptar-se e reorganizar-se em um contexto globalizado, promovendo continuamente um processo de hibridação. De acordo com Hall,

As tradições não se fixam para sempre certamente não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe. As culturas, concebidas não como formas de vida, mas como forma de lutas constantemente se entrecruzam, as lutas culturais relevantes surgem nos pontos de intersecção(...)Isso nos alerta contra as abordagens autossuficientes da cultura popular que, valorizando a tradição pela tradição, e tratando-a de uma

maneira histórica, analisam formas culturais populares como se estas contivessem desde o momento de sua origem um significado ou valor fixo e inalterável (Hall, 2008, p.260).

No caso brasileiro, pouco é veiculado pelos meios de comunicação sejam impressos ou eletrônicos sobre os povos tradicionais, supomos que essa invisibilidade midiática é resultado da presença hegemônica de um determinado grupo social que se articula política e economicamente. É evidente a ausência de políticas públicas para estes povos e comunidades, especialmente no que diz respeito à inclusão social, que envolve também o direito e o acesso à comunicação.

Os povos e comunidades tradicionais têm vivido uma situação de agravamento em relação às possibilidades de permanência e controle de seus territórios, constantemente são ameaçadas por pecuaristas, incorporações imobiliárias ou até mesmo o autoritarismo ambiental por parte do Estado. Assegurar o acesso ao território significa para esses povos e comunidades manter vivos a memória, as práticas sociais, os sistemas de classificação e de manejo dos recursos, os sistemas produtivos, os modos de distribuição e consumo da produção, além de elementos simbólicos essenciais à sua identidade cultural.

Entre culturas: As comunidades caiçaras no Vale do Ribeira -SP

De acordo com o Instituto Socioambiental (2013), o Vale do Ribeira está localizado no sul do estado de São Paulo e norte do estado do Paraná, abrangendo a Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e o Complexo Estuarino Lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá. Sua área de 2.830.666 hectares abriga uma população de

481.224 habitantes, de acordo com o Censo do IBGE de 2010 e inclui integralmente a área de 31 municípios (9 paranaenses e 22 paulistas).

A região destaca-se pelo alto grau de preservação de suas matas e por grande diversidade vegetação, fauna e flora. Seus mais de 2,1 milhões de hectares de florestas equivalem a aproximadamente 21% dos remanescentes de Mata Atlântica existentes no Brasil, transformando-a na maior área contínua desse importante ecossistema em todo o País. Nesse conjunto de áreas preservadas são encontradas não apenas florestas, mas importantes remanescentes de restingas - são 150 mil hectares - e de manguezais - 17 mil hectares.

Em contraste a este valioso patrimônio ambiental, o Vale do Ribeira é historicamente uma das regiões mais pobres dos estados de São Paulo e Paraná. A região vive muitas dificuldades, principalmente quanto à exclusão e ao preconceito em relação aos seus povos tradicionais que ficam isolados em suas comunidades, assim como a falta de políticas públicas voltadas para a melhora da qualidade de vida da população.

Porém não é só a riqueza ambiental que torna a região do Vale do Ribeira singular. Seu patrimônio cultural é rico e diverso, em seu território se encontram o maior número de comunidades remanescentes de quilombos de todo o estado de São Paulo, comunidades caiçaras, índios guaranis, pescadores tradicionais e pequenos produtores rurais.

Conforme levantamento do Instituto Socioambiental (2012) através da campanha contra a barragem do Rio Ribeira, existem cerca de 80 comunidades caiçaras, formadas por 2.456 famílias, vivem ao longo dos 140 km de extensão do Complexo Estuarino Lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá. Sua identidade caracteriza-se principalmente pela relação de interação com a natureza, seus

ciclos e recursos renováveis. A atividade pesqueira de subsistência, sua principal atividade econômica, é realizada de modo artesanal e com baixo impacto ambiental. Tal como a economia, as atividades culturais e sociais são pautadas na organização em torno da unidade familiar, domiciliar ou comunal.

No município de Cananéia cerca de 30 comunidades caiçaras se dedicam prioritariamente à produção camaroeira por meio de pesca em canal e mar aberto. Já em Iguape é realizada a pesca de canal voltada para a produção pesqueira de manjuba e crustáceos. Cerca de 20 comunidades caiçaras praticam essa atividade. As sete comunidades que vivem na Ilha Comprida realizam a pesca de praia em determinadas épocas do ano.

A formação da identidade caiçara é híbrida, fruto da miscigenação entre portugueses, índios e negros acompanha a ocupação litorânea e desenvolvimento econômico nas regiões sul e sudeste e possui como características a combinação da agricultura de subsistência, baseada na mandioca, com a pesca.

O termo caiçara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani *caá-içara*, que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar o morador de Cananéia e posteriormente, passou a ser o nome dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Para Diegues,

A cultura caiçara é aqui definida como um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, que orientamos indivíduos em suas relações

com a natureza e com os outros membros da sociedade e que se expressam também em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança e rituais religiosos. (...)) (Diegues, 2004, p.22).

A tradição é entendida não como algo imutável, mas como um processo histórico pelo qual elementos da cultura contemporânea são continuamente reinterpretados e incorporados ao modo de vida. O autor afirma que na cultura caiçara

Essa tradição herdada dos antepassados, é constantemente reatualizada e transmitida às novas gerações pela oralidade. É por meio da tradição que são usadas as categorias de tempo e espaço e é por meio dessas últimas que são interpretados os fenômenos naturais (Diegues, 2004, p.22-23).

Diegues (2004), acrescenta que cultura e a tradição caiçara são concebidas a partir de relações sociais marcadas pela reciprocidade, de saberes associados ao tempo da natureza, por exemplo, as músicas e as danças são associadas à periodicidade das atividades da terra e de mar, de ligações afetivas e fortes com o sítio e a praia.

Embora sejam detentores de riquezas culturais, os caiçaras do Vale do Ribeira, resistem e lutam pelo seu território, travam enfrentamentos contra novas formas de imperialismo, que segundo Said,

(...) sempre existiu, numa espécie de esfera cultural geral, bem como em determinadas práticas políticas,

ideológicas, econômicas e sociais. Nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação (Said, 2011, p.42-43)

Segundo Diegues (2001, p.4) as comunidades caiçaras a partir da década de 1960 viram o seu território reduzir pelas novas formas de imperialismo representada especulação imobiliária e pela transformação de seu espaço em áreas protegidas pelo Estado através da proibição do cultivo de subsistência. Os caiçaras a partir do início da década de 1980, começaram reconstruir sua identidade no sentido de resistência e lutam atualmente contra o mercado imobiliário e o autoritarismo ambiental que não respeitaram seu direito às suas terras e modo de vida.

Cultura popular e identidade caiçara: aspectos folkcomunicacionais

A cultura popular está associada ao conhecimento do povo e também a uma tensão contínua com a cultura dominante. Suas expressões não ficaram “paradas no tempo”, assimilaram as transformações tecnológicas e comunicacionais que não a condenaram à destruição e sim, promoveram a sua ressignificação chamando atenção de diferentes áreas da pesquisa, principalmente nas Ciências da Comunicação. Para Cristina Schimdt, a cultura popular

(...)adquire valor comunicacional, uma vez que as expressões culturais são tomadas como meio de mobilização e identificação de grupos locais no contexto

globalizado, ao que Beltrão (1980) apresenta como um meio próprio e linguagem adequada ao receptor (Schimdt, 2009, p.1).

Na cultura caiçara no Vale do Ribeira, as expressões do folclore/cultura popular como a Festa de Reis, Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, a Festa do Divino a Procissão de Corpus Christi, entre outras remetem-se à religiosidade popular e ocorrem em diversos bairros de Iguape, Cananéia e Ilha Comprida e são consideradas como fortes e significativos elementos comunicacionais, principalmente no que diz respeito as interações sociais e ativação das relações humanas: às relações entre emissores (quem) e receptores (para); aspectos de permanência e continuidade; organização e desenvolvimento das atividades religiosas e profanas e os vínculos originados com os meios de comunicações sejam eles locais ou não.

Na configuração da cultura e identidade caiçara, consideramos a folkcomunicação, como segmento das Ciências da Comunicação responsável por estudar os aspectos comunicacionais de fatos, expressões e ideias de agentes e meios populares. Como objeto de investigação, a folkcomunicação contempla a interpretação e a compreensão da cultura popular e a sua difusão a partir de diferentes suportes midiáticos.

A folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica. (Marques de Melo, 2008. p.25).

As contribuições de Luiz Beltrão sobre a folkcomunicação¹, identificam a comunicação informal, presente na experiência sociocultural comum, ou seja, os estudos folkcomunicacionais favorecem a análise dos contextos onde as manifestações populares acontecem, considerando o espaço e os aspectos simbólicos de significações presentes na cultura popular e como elas “negociam” com a cultura hegemônica.

A Folkcomunicação vem preencher uma lacuna teórico-metodológica na América Latina, dando suporte às pesquisas comunicacionais, verificando como se processa a difusão de informações na comunicação popular. Dessa maneira, a Folkcomunicação pode ser utilizada, não somente no contexto latino-americano, mas em contextos que compartilhem da mesma realidade de subdesenvolvimento e que, através das manifestações folclóricas, possam gerar o desenvolvimento regional (Rogers, Schramm). A veiculação de conteúdos simbólicos (Bourdieu) nos meios de comunicação de massa (Martín-Barbero, Beltrão), realizando o contra fluxo de informações, podem provocar uma procura por manifestações folclóricas, que em cidades pequenas, pode movimentar a indústria da criatividade, do turismo e de toda a infraestrutura regional, para atender a uma demanda que vem para a cidade, em busca de catarse, ou de um bem simbólico (Amphilo, 2012, p.07).

¹ O termo folkcomunicação foi criado pelo professor Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) que dedicou boa parte de suas pesquisas ao tema. É considerado um importante segmento das Ciências da Comunicação a partir de 1960, vem conquistando estudantes e pesquisadores em todo o país. Em 1998, foi criada a Rede Brasileira de Folkcomunicação (Rede FOLKCOM) e as Conferências Brasileiras de Folkcomunicação.

Nesse novo papel, podemos notar que a comunicação não pode ser apenas compreendida por quem a faz e a produz intencionalmente, ou restringi-la apenas pelo o que é produzido por grandes conglomerados empresariais, mas que os processos comunicacionais estão inerentes às práticas socioculturais não só do emissor, mas também do receptor, que deixa de ter uma postura passiva e passa a assumir uma postura ativa interagindo com o emissor.

Na perspectiva da folkcomunicação, o fluxo comunicacional acontece dos meios aos líderes e destes aos seus próximos, de forma cíclica onde existe o reprocessamento para o receptor, este por sua vez interage também no processo comunicacional.

Nas comunidades caiçaras do Vale do Ribeira, são positivas as iniciativas de articulação de organizações não governamentais, institutos de pesquisa, universidades, associações locais, e participações ativas e de destaque de líderes das comunidades tradicionais, na discussão e soluções de problemas, no resgate de grupos de Reisado, Marujada e Fandango, exemplos de manifestações populares onde há a presença do ativista folkcomunicacional, conforme Trigueiro

O ativista midiático age motivado pelos seus interesses e do grupo social ao qual pertence na formatação das práticas simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas para o uso da vida cotidiana. É um narrador da cotidianidade, guardião da memória e da identidade local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as

narrativas populares nas redes globais (Trigueiro, 2006, p.05).

Um dos elementos da cultura popular caiçara do Vale do Ribeira que exemplifica aspectos da folkcomunicação e a presença do ativista “folk” é o Fandango Caiçara, elemento fundamental para a construção e afirmação da identidade cultural das comunidades, que fortalece a articulação, resistência da identidade, e manutenção de suas práticas culturais. Essa expressão cultural tem como características as cantigas, os versos improvisados ou de repertórios tradicionais, ou ainda pelos fandangueiros, que também recriam as letras de acordo com acontecimentos cotidianos (trabalho, bailes, brigas, natureza, além de eventos históricos e midiáticos).

O fandango classifica-se em batido (os dançantes usam tamancos e precisam ser preparados, devido à complexidade e variações dos passos) e bailado ou valsado (os pares se mantêm em roda e todos participam, sem coreografia específica). Muitas vezes um homem é o mestre ou puxador, seu tamanqueado é uma referência para os demais batedores. O fandango está ligado à organização do trabalho coletivo (mutirão), onde o dono da terra a ser trabalhada convoca a comunidade para auxiliá-lo. Vizinhos e camaradas se reúnem para ajudar a erguer uma casa, varar uma canoa, fazer lanço de tainha, ou durante os preparativos para um casamento. Recebem como recompensa um fandango, além de comida farta e aguardente.

As comunidades caiçaras do Vale do Ribeira comemoram, com fandango, os aniversários, casamentos, batizados, a Festa de São Pedro, romarias do Divino, e a louvação a São Gonçalo feita na abertura do fandango como pagamento de promessas. Os bailes são acompanhados de mesas fartas (pratos à base de peixe, mariscos, farinha de mandioca e de milho, carne de caça, doces, cachaças

curtidas em ervas ou com melado). Nesses encontros, a comunidade atualiza as notícias e reforça as relações de parentesco, a convivência entre o grupo formado por tocadores e dançadores. A comunidade mantém a memória e a prática das diferentes músicas e danças, e a continuidade do conhecimento musical em torno do fandango e sua evolução.

Além do fandango estar presente no cotidiano das comunidades caiçaras do Vale do Ribeira, essa narrativa é ressignificada em outros eventos ocorridos na região, que atraem não só turistas mas também a atenção das mídias locais, tais como jornais, emissoras de rádio e televisão local, portais de notícias e redes sociais. Dentre os eventos de repercussão local, destaca-se o Revelando São Paulo na cidade de Iguape (que possui edições do evento não só no Vale do Ribeira, mas também na capital, em São José dos Campos no Vale do Paraíba em Atibaia); a Expo Vale em Registro; a Festa do Mar em Cananéia, a Festa Regional do Artesanato de Ilha Comprida entre outros acontecimentos.



Figura 1: Apresentação do grupo de fandango Batido São Gonçalo, no Revelando São Paulo edição Vale do Ribeira, em Iguape em 2012
Fonte: <http://www.portalvaledoribeira.com.br/2012/06/12/cananeia-participa-do-ix-revelando-sao-paulo-vale-do-ribeira/>. Acesso em 20 de dezembro de 2013.

Os grupos de fandango das comunidades caiçaras estudadas ao se apresentarem nesses eventos, não podem ser responsabilizados por ameaçarem ou descaracterizarem à “tradição” caiçara, mas sim podemos considerar esses grupos e suas respectivas articulações ora fechada a sua comunidade, ora aberta aos olhares alheios como uma forma de negociação, estabelecendo processos híbridos e marcando sua presença em um contexto globalizado e midiático.

Considerações Finais

A globalização é caracterizada por contradições, da mesma forma que padroniza e pasteuriza modos culturais, também acentua a valorização do local e das identidades, provocando interações sociais à partir do hibridismo no

enfrentamento de imperialismos pautados na ideologia e hegemonia de grupos dominantes.

As comunidades caiçaras no Vale do Ribeira em São Paulo fazem parte do repertório cultural brasileiro, são detentoras de culturas híbridas e têm na sua trajetória a luta pelo território e o conhecimento da cultura popular baseados nas relações com a terra e o mar. Possuem tradições transmitidas entre membros através da oralidade, que são ressignificadas no decorrer do tempo, assim como negociam e resistem a um contexto global baseado na economia do consumo e do descarte.

Embora marginalizadas pelo poder público, grupos hegemônicos e grandes conglomerados midiáticos, as comunidades caiçaras do Vale do Ribeira contam com suas lideranças e com a presença de organismos e universidades para reafirmarem suas características socioambientais.

Os aspectos folkcomunicaçãois estão e se fazem presentes nas suas realidades e assumem um papel importante no desenvolvimento local, ao manter e ressignificar expressões culturais como o fandango caiçara, retrato da sua identidade. Tornam-se, portanto, um instrumento de luta e resistência das comunidades caiçaras da região estudada, que seguem em busca de seus direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Canclini, N. G. (2006). *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. (4ª ed) São Paulo: Edusp.
- Diegues, A. C. (2001). *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB-USP.
- Diegues, A. C. (2004). *Enciclopédia caiçara volume 1: o olhar do pesquisador*. São Paulo: Hucitec.
- Hall, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (11ª ed.) Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. (2008). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG.
- Marques de Melo, J. (2008). *Mídia e Cultura Popular: História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus.
- Said, E. W. (1999). *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schimdt, C. (2009). Folkcomunicação: caminhos enunciados pela era digital. *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba, PR, Brasil, 32.
- Williams, R. (1979). *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.

SITES E DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

Amphilo, M. I. (set./dez. 2012) A gênese da folkcomunicação. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 10 (21)13-30. Ponta Grossa/PR, Recuperado em 03 de Junho de 2013, de:

<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=1545&path%5B%5D=1092>.

Canclini, N. (junio 1997). Culturas híbridas y estrategias comunicacionales. *Estudios sobre las culturas contemporáneas*, III, (5) Universidad de Colima. Recuperado em 10 de outubro de 2013, de:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31600507>.

Instituto Socioambiental. (2012). *Campanha contra as barragens no Ribeira*. Recuperado em 20 de dez de 2013, de:

<http://site-antigo.socioambiental.org/inst/camp/Ribeira/comunidades>.

Ministério do Meio Ambiente. (2007). *Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais*. Recuperado em 20 de dez de 2013, de:

<http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/terras-ind%C3%ADgenas,-povos-e-comunidades-tradicionais>.

Portal do Vale do Ribeira. (2012). Recuperado em 20 de dezembro de 2013, de:



<http://www.portalvaledoribeira.com.br/2012/06/12/cananea-participa-do-ix-revelando-sao-paulo-vale-do-ribeira/>.

Trigueiro, O. M. (set./dez 2006). *O ativista midiático da rede folkcomunicacional*.

Ponta Grossa/PR, 04, (07), 13-30. Recuperado em 20 de dezembro de 2013, de

[http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path\[\]=536&path\[\]=370](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path[]=536&path[]=370).